

# Instituto Socioambiental

fonte: Tribuna da Imprensa class.: Kaingang RS/ 1106  
 data: 04/10/94 pg.: \_\_\_\_\_

## Índios cercam urna no Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE - Pintado para a guerra e armado de arcos, flechas, tacapes, machados, facas e facões, um grupo de 150 índios caingangues cercou ontem a urna da seção 87, da 28ª Zona Eleitoral, em Muliterno, Nordeste do Rio Grande do Sul, onde votaram 50 eleitores. A urna estava na Escola Municipal Leão XIII, na localidade de Santo Antônio, área que os índios reclamam como sua desde 1911, segundo o prefeito da cidade, Wilmar Luís Marini (PDT).

O cerco à escola começou domingo à noite. Os índios procuraram os colonos que moram no local e avisaram que não lavrassem as terras e nem votassem. "Os caingangues não queriam permitir uma eleição de outra nação em suas terras", explicou o prefeito.

Ele contou que a reivindicação dos índios sobre a área de 1003 hectares recrudescerá em 93. Em agosto, Marini foi com três líderes dos colonos da região e

três lideranças indígenas até Brasília para ver como estava a questão. Segundo ele, o Ministério da Justiça é quem vai decidir sobre a propriedade das terras. "Os índios têm a certidão de demarcação e os colonos as escrituras das terras", disse o prefeito.

O impasse eleitoral foi resolvido pela juíza Rosana Garbin, da comarca de Lagoa Vermelha. Ela determinou que policiais da Brigada Militar fossem até o local. Quatro homens do destacamento de Marau, comandados pelo sargento Albino Ceratti, foram a Santo Antônio e garantiram a votação dos 50 eleitores. No meio da tarde, levaram a a urna para Muliterno, onde ela ficou sob guarda da Justiça Eleitoral na escola estadual. Os caingangues retomaram o cerco à escola. Eles continuam proibindo os colonos de lavrarem suas terras. De acordo com Marini, esta foi a maneira que encontraram para protestar e exigir seus direitos.